

JOHN VERDON

PENSA NUM NÚMERO

Tradução de Vasco Gato

4

Conheço-te tão bem que sei em que estás a pensar

Mark Mellery avançou a passos largos sobre a erva fofa. Aproximou-se de Gurney como se fizesse tenções de o abraçar, mas algo o fez reconsiderar.

– Davey! – exclamou, estendendo a mão.

Davey?, pasmou-se Gurney.

– Meu Deus! – prosseguiu Mellery. – Estás igual! Caraças, que bom ver-te! Que bom ver-te com este aspeto! Davey Gurney! Em Fordham costumavam dizer que parecias o Robert Redford em *Os Homens do Presidente*. Ainda pareces, não mudaste nem um bocadinho! Se não soubesse que tinhas quarenta e sete como eu, diria que tinhas trinta!

Mellery envolveu a mão de Gurney nas suas como se fosse um objeto precioso.

– Na viagem de Peony para Walnut Crossing, vinha a recordar-me de como sempre foste calmo e circunspecto. Um oásis emocional era o que tu eras, um oásis emocional! E continuas com o mesmo ar. Davey Gurney, calmo, tranquilo e circunspecto, para além de ser a melhor cabeça da zona. Como tens passado?

– Tenho sido afortunado – disse Gurney, retirando a mão e empregando um tom de voz tão despojado de entusiasmo quanto o de Mellery transbordava do mesmo. – Não me posso queixar.

– Afortunado... – Mellery articulou as sílabas como que a tentar recordar o significado de uma palavra estrangeira. – Tens aqui uma bela casa. Muito agradável.

– A Madeleine tem olho para estas coisas. Sentamo-nos? – sugeriu Gurney, indicando dois cadeirões de madeira desgastados, dispostos um à frente do outro entre a macieira e um bebedouro para pássaros.

Mellery arrancou na direção indicada, parando então.

– Eu trazia uma coisa comigo...

– Será isto?

Madeleine vinha a caminhar da casa, segurando à sua frente uma elegante pasta. Simples e cara, assemelhava-se a tudo o mais no aspeto de Mellery, desde os sapatos ingleses feitos à mão (embora comodamente afeiçoados, sem demasiada graxa) até ao *blazer* de caxemira com um corte magnífico (embora um pouco amarrotado), um ar aparentemente estudado com o intuito de veicular que ali estava um homem que sabia como usar o dinheiro sem deixar que o dinheiro o usasse a ele, um homem que alcançara o sucesso sem o venerar, um homem cuja sorte lhe chegara com naturalidade. Contudo, o seu olhar atormentado transmitia uma mensagem diferente.

– Ah, sim, obrigado – agradeceu Mellery, aceitando a pasta das mãos de Madeleine com óbvio alívio. – Mas onde é que...?

– Deixou-a na mesinha.

– Pois, exatamente. Estou um pouco perdido, hoje. Obrigado!

– Deseja tomar alguma coisa?

– Tomar?

– Temos chá gelado já pronto. Ou, se preferir qualquer outra coisa...?

– Não, não, chá gelado parece-me bem. Obrigado.

Enquanto Gurney observava o seu antigo colega, percebeu subitamente o que a mulher quisera dizer quando comentara que Mellery tinha exatamente o ar com que aparecia na fotografia da sobrecapa do livro, «só que mais».

A característica mais evidente nessa fotografia era uma espécie de perfeição informal, a ilusão de um instantâneo amador, descontraído, sem aquelas sombras pouco lisonjeiras nem a composição desastrada

de um verdadeiro instantâneo amador. Era essa sensação de um desleixo cuidadosamente elaborado, o desejo de parecer desinteressado, que Mellery exemplificava em pessoa. Como sempre, Madeleine tinha acertado em cheio.

– No teu *e-mail* fazias referência a um problema – disse Gurney com uma brusquidão que roçou a descortesia.

– Sim – respondeu Mellery, que ao invés de o abordar propôs uma reminiscência cujo propósito parecia ser entrançar mais um fiozinho de obrigação ao velho nó académico, contando novamente uma discussão parva em que um colega deles se tinha metido com um professor de Filosofia. Durante o relato, Mellery referiu-se a si mesmo, a Gurney e ao protagonista como «Os Três Mosqueteiros» do *campus* de Rose Hill, tentando a custo fazer com que algo de frívolo parecesse heroico. Gurney achou aquela tentativa constrangedora, não tendo oferecido ao seu convidado resposta nenhuma, para lá de um olhar expectante.

– Bom – disse Mellery, voltando desconfortavelmente ao assunto em causa –, não sei bem por onde começar.

Se não sabes por onde começar a tua própria história, pensou Gurney, então para que é que estás aqui?

Mellery abriu finalmente a pasta, retirou dois finos livros de capa mole e, como se fossem peças frágeis, passou-os a Gurney. Eram os livros que vinham descritos nas impressões do *site* que ele estudara previamente. Um deles chamava-se *A Única Coisa que Importa*, tendo por subtítulo *O Poder da Consciência para Mudar Vidas*. O outro intitulava-se *Francamente!*, tendo por subtítulo *O Único Caminho para a Felicidade*.

– Talvez tenhas ouvido falar destes livros. Alcançaram um êxito moderado, não tendo sido propriamente campeões de vendas – disse Mellery, sorrindo com o que parecia ser uma humildade bem treinada. – Não estou a sugerir que devas lê-los de imediato – acrescentou, sorrindo novamente, como se tivesse piada. – No entanto, poderão fornecer-te algumas pistas em relação ao que está a acontecer, ou ao motivo por que está a acontecer, assim que eu explicar o meu problema... ou talvez deva dizer o meu *aparente* problema. Esta história toda deixou-me um pouco confuso.

E mais do que um pouco assustado, devaneou Gurney.

Mellery inspirou profundamente, fez uma pausa e começou a contar a sua história como um homem que investisse com frágil determinação contra a fria rebentação.

– Talvez seja melhor falar-te primeiro das mensagens que recebi – disse, metendo a mão dentro da pasta, retirando dois envelopes, abrindo um deles, extraíndo lá de dentro uma folha de papel branco manuscrita de um dos lados e um envelope mais pequeno, da dimensão que se usaria para um RSVP. Passou então a folha a Gurney.

– Esta foi a primeira comunicação que recebi, há cerca de três semanas.

Gurney pegou no papel e recostou-se no cadeirão para o examinar, reparando de imediato no esmero da caligrafia. As palavras estavam inscritas com precisão e elegância, suscitando uma súbita recordação da mão da Irmã Mary Joseph a avançar graciosamente pelo quadro da escola primária. Porém, mais estranho do que a meticulosa caligrafia era o facto de a mensagem ter sido escrita com uma caneta de tinta permanente, vermelha ainda por cima. *Tinta vermelha?* O avô de Gurney tinha tinta vermelha. Frasquinhos redondos com tinta azul, verde e vermelha. Embora fossem poucas as memórias que tivesse do avô, lembrava-se da tinta. Ainda seria possível comprar tinta vermelha para uma caneta de tinta permanente?

Gurney leu a mensagem com uma careta que se foi acentuando, e voltou a lê-la. Não continha nem saudação nem assinatura.

Acreditas no Destino? Eu acredito, pois julguei que nunca mais voltaria a ver-te... até que um dia ali estavas tu. Voltou tudo: a tua forma de falar, a forma como te mexes, sobretudo a tua forma de pensar. Se alguém te pedisse que pensasses num número, eu sei em que número pensarias. Não acreditas? Vou provar-to. Pensa num número qualquer até mil, o primeiro número que te vier à cabeça. Imagina-o. Repara agora como eu conheço bem os teus segredos. Abre o pequeno envelope.

Gurney emitiu um grunhido prudente, olhando inquisitivamente para Mellery, que o fitara com atenção enquanto Gurney lia a carta.

– Fazes alguma ideia de quem te enviou isto?

- Não.
- Algumas suspeitas?
- Nenhuma.
- Hum. Entraste no jogo?

– Qual jogo? – perguntou Mellery, que claramente não tinha olhado para aquilo dessa forma. – Se me estás a perguntar se pensei num número, sim, pensei. Dadas as circunstâncias seria complicado não o fazer.

- Portanto, pensaste num número?
- Sim.
- E então?

Mellery aclarou a garganta.

- O número em que pensei foi o seiscentos e cinquenta e oito.

E repetiu-o, articulando os algarismos, *seis, cinco, oito*, como se pudessem ter algum significado para Gurney. Ao ver que não, inspiro nervosamente e prosseguiu.

– O número seiscentos e cinquenta e oito não tem para mim qualquer significado particular. Calhou ser o primeiro número em que pensei. Já dei voltas e voltas à cabeça, procurando lembrar-me de algo que pudesse associar a esse número, um motivo para que o tivesse escolhido, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. *Foi simplesmente o primeiro número que me veio à cabeça* – insistiu ele com uma seriedade apavorada.

Gurney fitou-o com um interesse crescente.

- E no envelope mais pequeno...?

Mellery passou-lhe o outro envelope que vinha fechado com a mensagem e ficou a observar atentamente enquanto Gurney o abria, retirando uma folha com metade do tamanho da primeira, e lendo a mensagem escrita com o mesmo estilo delicado, a mesma tinta vermelha:

Assusta-te que eu soubesse que escolherias o 658?

Quem é que te conhece assim tão bem? Se quiseres ter a resposta,

deverás primeiro devolver-me os \$289,87 que me custou descobrir-te.

Envia essa quantia certa para

*Apartado 49449, Wycherly, CT 61010.
Envia-me em numerário ou por cheque.
Passa-o à ordem de X. Arybdis.
(O meu nome nem sempre foi este.)*

Após ter relido o bilhete, Gurney perguntou a Mellery se tinha respondido.

– Sim. Enviei um cheque com a quantia referida.

– Porquê?

– Como assim?

– É bastante dinheiro. Porque é que decidiste enviar?

– Porque estava a dar em maluco. O número, como é que ele sabia?

– O cheque já foi descontado?

– Na verdade, não – respondeu Mellery. – Tenho controlado a minha conta diariamente. Foi por isso que enviei um cheque em vez de numerário. Achei que seria uma boa ideia para ficar a saber algo acerca deste tal Arybdis, pelo menos onde é que ele deposita os cheques. Enfim, o tom desta história toda era muito perturbador.

– O que é que te perturbava propriamente?

– O número, claro! – exclamou Mellery. – Como é que ele podia saber uma coisa dessas?

– Boa pergunta – disse Gurney. – Porque é que dizes «ele»?

– O quê? Ah, já percebi. Pensei que... Não sei, foi o que me veio à cabeça. Julgo que «X. Arybdis» me terá parecido masculino por algum motivo.

– X. Arybdis. Que nome tão estranho – disse Gurney. – Diz-te alguma coisa?

– Nada.

O nome não dizia nada a Gurney, embora também não parecesse ser completamente desconhecido. O que quer que fosse, estava enterrado algures numa subcave do seu arquivo mental.

– Depois de teres enviado o cheque, foste contactado outra vez?

– Se fui! – respondeu Mellery, levando uma vez mais a mão ao interior da pasta e retirando outras duas folhas de papel. – Recebi esta aqui há cerca de dez dias. E esta no dia a seguir a ter-te enviado o *e-mail*

a perguntar se nos podíamos encontrar – explicou ele, estendendo-as na direção de Gurney como um rapazito a mostrar ao pai duas novas nódoas negras.

Pareciam ter sido escritas pela mesma mão meticulosa, com a mesma caneta, tal como as duas mensagens da comunicação anterior, embora o tom se tivesse alterado.

A primeira consistia em oito versos curtos:

*Quantos anjos luminosos
dançarão num alfinete assim?
Quantas esperanças afogadas
numa garrafa de gin?
Alguma vez pensaste
que copo e arma eram afins
e que um dia a pergunta seria,
Meu Deus, o que é que eu fiz?*

Os oito versos da segunda eram similarmente crípticos e ameaçadores:

*Aquilo que tiraste hás de dar,
assim que receberes aquilo que deste.
Sei em que estás a pensar,
a cada pestanejar,
onde estiveste,
onde estarás.
Temos um encontro marcado,
Sr. 658.*

Nos dez minutos seguintes, durante os quais leu cada um dos bilhetes meia dúzia de vezes, o semblante de Gurney tornou-se mais carregado e a angústia de Mellery, mais evidente.

- O que é que achas? – perguntou por fim Mellery.
- Tens um inimigo esperto.
- Estava a perguntar o que é que achavas da história do número?

– O que é que tem?
– Como é que ele podia saber qual o número que me passaria pela cabeça?

– Assim de repente, eu diria que não podia saber.
– Não podia saber, mas sabia! Quer dizer, a questão é toda essa?! Ele não podia saber, mas sabia! Ninguém poderia saber que o número seiscentos e cinquenta e oito iria ser o número em que eu pensaria, mas ele não só o sabia como sabia pelo menos dois dias antes de mim, quando enfiou a porra da carta no correio!

Mellery içou-se subitamente do cadeirão, calcorreando a erva em direção à casa, para logo regressar, passando as mãos pelo cabelo.

– Não há nenhuma forma científica de fazer uma coisa dessas. Não há nenhuma forma imaginável. Estás a perceber a loucura da situação?

Gurney apoiava compenetradamente o queixo na ponta dos dedos.

– Existe um princípio filosófico simples que eu considero cem por cento fidedigno. *Se uma coisa acontece, tem de ter uma forma de acontecer.* Esta história do número tem de ter uma explicação simples.

– Mas...

Gurney ergueu a mão ao jeito do jovem polícia de trânsito que tinha sido durante os seus primeiros seis meses na Polícia de Nova Iorque.

– Senta-te. Descontraí. Tenho a certeza de que vamos conseguir deslindar isto.